

A generalização da metáfora e a letra no inconsciente lacaniano

Caio de Mattos Filho

Em atenção à temática anual do Espaço Moebius, ocorreu-me trazer para vocês um breve comentário sobre a mudança de valor da figura de linguagem da metáfora no ensino de Lacan, e também situar o lugar de litoral que a letra adquiriu na fronteira entre o simbólico e o real, entre o gozo e o saber, em distinção à topologia do significante. Além disso, indicar como esses remanejamentos conceituais estão acompanhados de mudanças nas questões do sintoma, do Nome-do-Pai, entre outras.

No início do seu ensino, com inspiração na lingüística e antropologia estruturais, e a serviço de sua empresa maior – o retorno a Freud –, Lacan articulou a noção de estrutura de linguagem com a hipótese freudiana do inconsciente, reconhecendo neste último sua natureza discursiva e significante, e observando certo isomorfismo entre as leis do inconsciente e aquelas da estrutura de linguagem na lingüística. Em vez de eleger o signo como algoritmo psicanalítico, Lacan privilegiou o significante e nos apresentou sua *instância da letra no inconsciente*, onde a razão freudiana do inconsciente seria regida por duas leis: a da metáfora e a da metonímia.

Definida por Saussure como combinação dos signos contíguos e significativos entre si no plano da fala, a metonímia foi convertida por Lacan em cadeia significante da fala, sendo o desejo inconsciente o que se extravie e o que anima a demanda na fala metonímica. Quanto à metáfora, definida por Saussure como operação de seleção de um signo entre outros (um no lugar do outro), ela foi franqueada por Lacan como operação estrutural responsável pela substituição de um significante por outro. A metáfora seria também resultante

do recalque dos significantes ligados a moções pulsionais, e as suas substituições por outros significantes, que carregariam o sentido daqueles que foram recalcados. Neste contexto, os sintomas também seriam formações do inconsciente com valor metafórico.

Segundo a clássica definição de Aristóteles em sua *Poética*, a metáfora é figura da retórica que consiste no transporte de uma coisa a um nome que designa outra. Em psicanálise, Lacan valorizou, inicialmente, na metáfora, a elisão de um termo e a sua substituição por outro. Isso porque ele associou a metáfora à operação de recalque do aparato psíquico, definindo que, por estrutura de linguagem, o efeito metafórico do sentido dependia da supressão e substituição significante. À época, Lacan se valeu do exemplo da metáfora do verso de Victor Hugo: “Seu feixe não era avaro nem odiento”, no qual *Booz* é elidido e substituído pelo *feixe*, mas não sem que haja alusão a *Booz* no verso.

A predileção de Lacan pelo verso de Hugo se devia ao fato de que, além de ser um belo exemplo de metáfora, com *Booz* evocado no efeito de significação poética do substituto *feixe*, o sentido do verso é a fecundidade da paternidade. Lacan encontrou, neste verso, o oportuno enlace da metáfora com a paternidade, já que também avançou com a metáfora como metáfora paterna na constituição do sujeito. Em “A instância da letra”, Lacan escreveu:

É entre o significante do nome próprio de um homem e aquele que o abole metaforicamente que se produz a centelha poética, ainda mais eficaz aqui [no caso de Booz], para realizar a significação da paternidade, por reproduzir o evento mítico em que Freud reconstruiu a trajetória, no inconsciente de todo homem, do mistério paterno (p. 511).

Nesta topologia do significante, uma das propostas de Lacan foi definir o Édipo freudiano como operação de uma metáfora paterna, na qual o significante do Desejo da Mãe, que é o desejo do Outro com que nos

deparamos na nossa entrada na ordem simbólica, é substituído e metaforizado pelo significante do Nome-do-Pai. E o que se espera desta metáfora paterna é a significação fálica resultante do complexo de castração, implicando que o falo seja considerado um significante privilegiado, o significante do desejo.

Nome-do-Pai . Desejo da Mãe → Nome-do-Pai (A/Falo)
~~Desejo da Mãe~~ x

A pluralização dos Nomes-do-Pai, proposta de Lacan que se seguiu à concepção do objeto *a* no seu ensino, introduziu a perspectiva de que o Nome-do-Pai deixou de responder, de forma unívoca, pela metáfora e significação fálica no discurso do Outro. Neste contexto, a própria referência da metáfora se modificou. O reconhecimento de Lacan da falha no Outro, com recurso à lógica, e a idéia correlata de que não há Outro do Outro, ou seja, não há metalinguagem, condisseram com a ampliação da incidência da metáfora para o campo da linguagem como um todo. Criticando os lingüistas, no Seminário 18, “de um discurso que não fosse do semblante”, Lacan defendeu que todo uso da linguagem é metafórico:

“só existe linguagem metafórica. Qualquer tentativa de “metalinguajar”, se assim posso me exprimir, demonstra isso. [...] Toda designação é metafórica, não pode fazer-se senão por intermédio de outra coisa (p. 43).

Assim, toda nomeação teria valor simbólico de metáfora. Esta generalização repercute na redução da ligação do Nome-do-Pai ao registro da metáfora como substituição significante, com conseqüências para o estatuto do sintoma inclusive. Isso também veio acompanhado de uma fratura na solidariedade entre o Nome-do-Pai e o falo no âmbito da metáfora paterna, pois, seguindo a distinção lógica de Frege entre sentido (*Sinn*) e denotação

(*Bedeutung*), Lacan passou a definir o falo como aquilo que se denota de toda função de linguagem

Para demonstrar a diferença entre o sentido e a denotação no âmbito da linguagem, Frege partiu da relação de igualdade em lógica, mostrando que a igualdade não é uma relação entre objetos, nem entre sinais de objeto, mas uma relação entre modos de apresentação do mesmo objeto. Por isso, ele evocou a diferença de valor cognitivo entre as sentenças “ $a = a$ ” e “ $a = b$ ”. E substituindo as letras por uma ilustração verbal, legou-nos o exemplo de que “Vésper” e “Fósforo” são sinais (nomes) do objeto conhecido por “Vênus”. “ $a = \text{Vésper}$ ” é o modo de apresentação “Estrela da Tarde” do objeto “Vênus”, enquanto “ $b = \text{Fósforo}$ ” é o modo de apresentação “Estrela da manhã” da mesma Vênus. Assim, temos que “ $a = a$ ” (Vésper é Vésper) e “ $a = b$ ” (Vésper é Fósforo) são dois modos de apresentação – um tautológico e o outro informativo – do mesmo objeto denotado. Dessa forma, os sentidos ou modos de apresentação são múltiplos (“estrela da manhã” ou “estrela da tarde”), mas o objeto denotado, ou o referente, é o mesmo.

Com isso, Lacan definiu que a função denotativa do falo consiste na denotação de todo sentido que se articula na linguagem. Isso se baseia no legado freudiano de que o simbólico aparelho de gozo do inconsciente veicula a coalescência entre o verbo e o vivo do ser sexuado, fundando, assim, os caminhos do gozo humano. E com o falo denotando o mistério do gozo, “se há alguma coisa que caracteriza o falo, não é ele ser o significante da falta, como houve quem julgasse poder compreender algumas de minhas palavras, mas ser, seguramente, aquilo de que não sai nenhuma palavra” (Lacan, Seminário 18, p. 159). Apartado do sentido no âmbito das apresentações metafóricas e

metonímicas, o falo é a denotação derradeira do sentido do gozo na linguagem, que une homens e mulheres sob o fundamento do “não há relação sexual”.

Quanto ao saldo disso para a função paterna, da disjunção entre o falo e o Nome-do-Pai, é notável a entrada em cena da função da nomeação, que adquire autonomia em relação à metáfora paterna, já que se distingue da denotação (*Bedeutung*) ligada ao falo. Isso não quer dizer que o pai se dissocie do falo. O Nome-do-Pai vai além, e a sua eficácia passa a ser pautada pelo fato de que alguém se levante para responder por este nome de “pai”. Neste contexto, a função do nome é a de ser “aquilo que chama a falar”. Distinguem-se, portanto, o significante do Nome-do-Pai, que dá significação fálica ao desejo da mãe, e cuja ausência de incidência origina a psicose, e o pai chamado a responder enquanto nome (Seminário 18, p.160).

O pai enquanto nome responde onde o falo denota o sentido sexual. O pai é chamado a falar onde o falo é só denotação geral do sentido, mas sem sentido unívoco. Este pai chamado a falar está na linhagem do pai nomeado da topologia borromeana. Aliás, ir além do pai nomeado da metáfora paterna se deveu ao propósito de dar conta do real imetaforizável, do “erre” da metáfora em RSI, como se interroga Lacan no início do Seminário 22.

Além da generalização da metáfora e da separação entre o falo e o Nome-do-Pai, Lacan avançou também com o tema da polifonia e da letra no inconsciente – não mais apenas no plano da metáfora e da metonímia significante de *A instância da letra*, mas no litoral que a letra escreve no real, em contraposição ao plano simbólico do significante. Entre o clarão aberto pela questão anagramática de Saussure – tendo como foco inicial a análise dos aspectos quantitativos, entonacionais e das repetições fônicas dos versos

saturninos –, a paronomásia em Jakobson (a valorização do emprego de palavras semelhantes na forma ou no som, mas de sentidos diferentes), e os equívocos das línguas em Joyce, Lacan escreveu sua bela lição sobre *Lituraterra*, trazendo no título o peso do anagrama e da letra, que indica a intenção de tomar as coisas ainda mais ao pé da letra, para pensar a relação entre o saber e o gozo no real, num nível diferente da articulação significante.

O poeta e crítico literário Haroldo de Campos assinalou que a relação de Lacan com a obra de Saussure se alterou com a tomada de conhecimento do estudo dos anagramas, a partir de cujos meandros o real da letra de *lalíngua* passou a tomar pé no sintoma. Estes estudos saussurianos dos anagramas, no âmbito da poesia greco-latina, foram descobertos por Jean Starobinski em 1964. Neles, Saussure interroga o engenho métrico de versos baseados em quantidades equivalentes de consoantes e vogais, cuja polifonia e rigorosa repetição das letras pautavam o sentido do poema. Aliás, Lacan registrou os créditos de Starobinski, apondo uma nota de rodapé em *A instância da letra*, na seguinte passagem, quando da publicação dos *Escritos* em 1966: “basta escutar a poesia, o que sem dúvida acontece com F. de Saussure, para que nela se faça ouvir uma polifonia e para que todo discurso revele alinhar-se nas diversas pautas de uma partitura” (p. 506-507).

Há uma equivalência silábica entre o título *Lituraterra* e o termo *literatura*, como a indicar um jogo necessário com as letras para pensar a questão do sujeito em psicanálise. Além disso, *Litura* é rasura, rasura da letra: riscado que funda o enigma do saber sobre o sujeito num litoral real de letra. Com isso, Lacan visava delimitar, entre o real e a linguagem, dois domínios

que não se confundem. Por isso, em vez de fronteira, ele preferiu o termo litoral para designar a letra no real.

Não é a letra propriamente o litoral? A borda do furo no saber que a psicanálise designa, justamente ao abordá-lo, não é isso que a letra desenha? [...] Entre o gozo e o saber a letra constituiria o litoral. [...] Resta saber como o inconsciente – que digo ser efeito de linguagem, já que pressupõe a estrutura dela como necessária e suficiente – comanda essa função da letra (Seminário 18, p. 109-110).

Com *Lituraterra*, Lacan deu um passo em direção à literalidade real da escrita. Em outros termos, podemos dizer que estamos no plano de *lalíngua*, no real do inconsciente. Isso porque a letra não se confunde com o significante. A letra é litoral do real, enquanto o significante é da ordem da articulação simbólica. Contudo, a letra “toca” no significante através dos nomes articulados

Antes do nome (metafórico) no plano do significante, a letra evoca a pura cunhagem do traço unário. Para se fazer signo do sujeito, o traço suporta um duplo lance: o da marca e o de seu apagamento. Por isso, diz-nos Lacan, que “é preciso, portanto, que se distinga aí a rasura. *Litura*, *lituraterra*. Rasura de traço algum que seja anterior, é isso que do litoral faz terra. *Litura pura* é o literal” (Seminário 18, p. 113).

Quando se referiu a Robinson Crusoé diante da pegada de Sexta-feira no Seminário 9, A identificação, Lacan defendeu a tese de que uma marca só é traço-signo de um sujeito quando tem lugar o ato do seu apagamento. Quer dizer, o sujeito se denuncia sujeito no ato do apagamento do seu rastro. Isso ensina que a estrutura significante induz a clivagem do sujeito (*Spaltung*), que só aparece porque desapareceu primordialmente, fazendo “do desaparecer e reaparecer” a sua marca como tal.

A cavação da escrita no real da letra ganhou imagem na contemplação de Lacan da vista do seu vôo de volta do Japão a Paris, quando ele estava

muito sensibilizado pelo traçado da letra na língua japonesa. Com particular atenção, Lacan apreciou o escoamento d'água na planície siberiana – único traço a ser visto no sobrevôo desta desolada região. Nesta imagem, ele associou o escoamento d'água com as nuvens no céu, que são a fonte d'água, e que se interpunham, representando a rasura, entre a visão de Lacan e o escoamento. Aí, o escoamento d'água metaforiza uma espécie de buquê ou ramificação do traçado da letra no real, entre saber e gozo, sustentando-se sua rasura na própria relação com as nuvens, que representam o significante em sua incidência. Toda essa figuração era para

definir por que se pode dizer que a escrita é, no real, o ravinamento do significado, ou seja, o que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante. A escrita não decalca o significante. Só remonta a ele ao receber um nome, mas exatamente do mesmo modo que isso acontece com todas as coisas que a bateria significante vem denominar, depois de as haver enumerado (Seminário 18, p. 113).

Nesta imagem da planície siberiana, figurativa da redefinição dos liames entre a linguagem e o real na estrutura subjetiva, destacamos a separação entre o patamar do significante, representado pelo semblante da “nuvem”, e a instância do “buquê” real do escoamento d'água. Temos, aí, uma imagem lacaniana que visa dar conta das suas mudanças conceituais em curso, com o real integrando a estrutura.

Com *Lituraterra*, entre o semblante significante da nuvem e o real de letra do buquê na ramificação d'água, o sintoma se divide entre o simbólico e o real de forma nova. De um lado, há a letra no real: riscado de um litoral entre saber e gozo, qual “buquê” do escoamento d'água na terra. Trata-se da estrutura de *lalíngua*, que se caracteriza pela marca de gozo na identidade da letra consigo mesma, em vez da deriva metonímica da pura diferença do significante. *Lalíngua* é a marca de gozo no canto do Outro, que se impregna

no sujeito: o som de um canto que se deposita em aluvião, aquém das leis do significante. *Lalíngua* é uma espécie de saber real efetivo e inapreensível.

Quanto ao registro significante, a imagem da nuvem do semblante evoca Saussure e suas massas amorfas da língua figurando o pensamento organizado entre o plano das ideias confusas e os sons indeterminados. A “nuvem” significante introduz o valor de semblante do significante, S1, *essaim* (enxame), que representa o sujeito entre outros significantes, no horizonte do furo consagrado pelo significante da falta do significante que represente o Outro, S(~~A~~). Nomes-do-Pai em forma de significantes-mestres, em vez do Nome-do-Pai e sua retidão de estrada principal dos tempos de *A instância da letra* e do Seminário 3. O real da estrutura relativiza os caminhos pela via do semblante no lugar do Outro, onde “a nuvem assume claramente o aspecto de uma estrada. Ninguém no mundo jamais segue a linha reta, nem o homem, nem a ameba, nem a mosca, nem o ramo, nada” (Lacan, Seminário 18, p. 115).

Em linhas tortas, não se trata da vida como viagem errante. Ao contrário, a ética psicanalítica se funda, como diz Lacan, na recusa em ser não-tolo. Com “*Les non-dupes errent*”, há que distinguir o “erre” da viagem do “erre” da repetição da estrutura (do sujeito tolo da estrutura), como o pequeno Hans tolo de seus trajetos fóbicos. *Les Non-dupes errent*: “os Nomes-do-Pai” e “os não-tolos erram”, homófonos em francês, veiculam o mesmo saber à moda do inconsciente.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1979.

CAMPOS, H. O afreudisíaco Lacan na galáxia de lalíngua (Freud, Lacan e a escritura). In: CESAROTTO, Oscar (Org.). *Idéias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras, 1995. p. 175-195.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, Ed. USP, 1978.

JAKOBSON, R.; MORRIS, H. *Fundamentos del language*. Madri: Editorial Ayuso, 1974.

LACAN, J. (1955-56) *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. (1957) A Instância da letra no inconsciente ou a Razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 496-533.

_____. (1957-58) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 537-590.

_____. (1957-58) *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. (1958) A significação do falo. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 692-703.

_____. (1961-62) *O seminário, livro 9: a identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

_____. (1968-69) *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. (1970-71) *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. (1973-74) *Le séminaire, livre 21: Les non-dupes errent*. Éditions de l'Association Freudienne Internationale: Publication hors commerce.

_____. (1974-75) *O Seminário, livro 22: RSI*. Publicação não comercial – Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970.